

Sessão Coordenada 74 - **RELIGIOSIDADE E PROCESSOS IDENTITÁRIOS**

DESEJO DE SER: O OUTRO ESPIRITUAL COMO CONSTITUINTE DO SUJEITO.

*Daniela Bueno de Oliveira Américo de Godoy** (Departamento de Psicologia, Laboratório de Etnopsicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP); José Francisco Miguel Henriques Bairrão (Departamento de Psicologia, Laboratório de Etnopsicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP)*

A afiliação religiosa dos umbandistas normalmente requer processos iniciáticos. Esses processos de desenvolvimento mediúnico possibilitam a reconfiguração da posição subjetiva devido a novas combinatórias simbólicas. Trata-se de uma dinâmica relacional que, ao inserir o médium na posição de filho, provê, pelo sagrado, uma prática de cuidado viabilizada principalmente pelo transe de possessão. A aplicação da topologia ao universo umbandista possibilita que médium e mundo dos espíritos possam ser referenciados a posições enunciativas que se alternam numa mesma estrutura. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar a relação entre uma médium e seus espíritos pessoais tal qual suportada pela estrutura da garrafa de Klein, uma superfície topológica. Com base no método etnográfico, que envolve a observação participante, entrevistas abertas e utilização de diário de campo, foi realizado um estudo de caso com uma médium de umbanda e seus principais espíritos pessoais, a fim de, a partir do referencial teórico lacaniano, ensaiar modelagens topológicas que pudessem ser representativas da possessão umbandista. Os resultados apontam que, para esta médium, são esses espíritos que lhe dizem quem ela é a partir de narrativas que entrecruzam traços característicos de sua vida e de cada um deles. A repetição dos elementos “ar” e “fogo” – que neste sistema simbólico remetem aos orixás Iansã e Elegbara, respectivamente – combina em seu ser marcas significantes deste “casal parental” que se mostram em seu jeito “tempestivo” e “explosivo”. Se, por um lado, esta combinação aponta para uma personalidade “destrutiva”, porque marcada por traços agressivos; por outro, a ação particular de cada espírito parece amenizar e contrabalançar essa tendência, invertendo essa trama aparente de significação. O exu enquanto potência criadora e curativa; o boiadeiro enquanto fogo petrificado, remetendo a uma solidez dos atos; a preta-velha que aponta para o mar como possibilidade de transcender queimaduras e a cabocla enquanto conjugação das forças das águas do rio e do mar tecem poeticamente outros sentidos que, pela composição com características significantes de diversos orixás aí presentes, suavizam e modulam o fogo que a constitui. Iansã aparece na lógica enunciativa desses espíritos ao circunscrever uma dinâmica de movimento comum a eles (médium e espíritos). Nas palavras da médium, “o vento não para”; logo, ela não se define em função de um ou outro orixá. São as combinatórias significantes que se dão em diversos planos – como o da narrativa, o do ato, o da imagem – que levam a uma apreensão do cálculo do sujeito da enunciação frente aos supostos imperativos oriundos deste sistema simbólico, que é constituinte do sujeito desejante. A partir da topologia da garrafa de Klein, definida por uma torção que especifica o tipo de continuidade estrutural, conclui-se que o desejo – relativo ao processo de vir a ser da médium – se constitui na conjunção relativa à voz imperativa do sistema umbandista, apresentada na forma de espíritos que dizem sobre o ser da médium; e relativa à fala do sujeito, consubstanciada na sua posição subjetiva perante o enunciado dos espíritos.

umbanda, alteridade, psicanálise e religião

FAPESP

Doutorado - D

RELIG - Psicologia da Religião

RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE POSITIVA NA ADOLESCÊNCIA. *Luciana Fernandes Marques (Pós-graduação Ensino na saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul), Débora Dalbosco Dell’Aglia (Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul).*

Atualmente, tem aparecido um renovado interesse sobre o papel da espiritualidade no desenvolvimento do adolescente relacionando afiliação religiosa e indicadores de desenvolvimento psicológico positivo e encontrando resultados que sugerem que o envolvimento religioso age como uma fonte de suporte, resiliência, encorajamento, enfrentamento, satisfação e valores. O interesse atual pelo desenvolvimento humano integral, enfatizando os aspectos positivos, tem servido de contexto para a busca de conhecer melhor a religiosidade/espiritualidade na juventude e aplicar as conclusões no universo de jovens que podem encontrar na dimensão espiritual um apoio para seu desenvolvimento como um todo. Considerando que na faixa etária da adolescência a formação da identidade é a tarefa principal do desenvolvimento e a religiosidade tem sido apontada como fator de proteção, este trabalho tem como objetivo observar as relações entre religiosidade e identidade positiva na juventude brasileira. Para tanto, foram realizadas análises a partir de um banco de dados da Pesquisa sobre a Juventude Brasileira, a partir do questionário desenvolvido por Koller, Cerqueira-Santos, Moraes e Ribeiro. Foram utilizados os dados de 7572 questionários respondidos por jovens de 14 a 24 anos (média 16,15 anos e desvio padrão de 1,82), de ambos os sexos, 45,4% do sexo masculino e 54,4% do sexo feminino, e de nível sócio-econômico baixo. A amostra total foi composta por habitantes de várias regiões do país, entre elas as cidades de: Recife (14,5%), São Paulo (13,2%), Porto Alegre (12,6%), Campo Grande (12,3%), Distrito Federal (11%), Belo Horizonte (8,9%), Presidente Prudente (12,6%), Arcos (5,7%), Maués (1,6%) e Manaus (2,2%). As questões avaliadas para este estudo foram a de uma escala de religiosidade e outra escala sobre identidade positiva. Foi observado que ambas variáveis apresentam diferença entre meninos e meninas, sendo que as meninas apresentam médias mais altas na Escala de Religiosidade e também na Escala de Identidade Positiva. Dada a importância do tema da identidade na adolescência, esta pesquisa suscitou inúmeros questionamentos como: Qual a interpretação mais correta da associação positiva da identidade com a religiosidade? Isso significa uma resolução saudável da chamada crise de identidade da adolescência? Seria o envolvimento com a religião um recurso a auxiliar na crise de identidade? É possível que os jovens tenham buscado a religião para “olharem-se com outros olhos”? Nesta amostra, foi enfatizada a questão institucional em função das perguntas da escala que remetem à importância da religião, frequentar encontros religiosos e buscar ajuda da instituição religiosa. Pode-se perceber que os jovens deste estudo têm a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão de importância nas suas vidas. Os dados apontam para a influência positiva da religiosidade na identidade e na noção que os jovens possuem (ou estão formando) de si mesmos. A partir das ideias dos autores revisados, no entanto, destaca-se que o envolvimento religioso não pode ser considerado fator protetor absoluto, já que em certos contextos e frente a características individuais o impacto pode ser negativo.

religiosidade, adolescência, identidade

não houve apoio financeiro

Pesquisador - P

RELIG - Psicologia da Religião

MULHER E MÃE (DE SANTO): CONSTRUÇÕES DE FEMINILIDADE NA “PASSAGEM DO BASTÃO”. Mariana Leal de Barros** (*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Departamento de Antropologia-Universidade de São Paulo-SP*)

A umbanda é o pano de fundo para a análise de como mulheres médiuns de umbanda elaboram sua feminilidade por meio das entidades espirituais. O objetivo desta pesquisa é refletir a respeito de como estes espíritos “presentificam-se” no cotidiano de suas médiuns e podem se configurar como valiosos artífices para elaboração de gênero. Para isso, o caso de V., médium de umbanda, 33 anos, solteira, mãe de uma adolescente e microempresária, que viu sua vida se transformar quando teve que assumir a chefia do terreiro de sua mãe é apresentado. V. não contava com esta “herança”, e referia querer ser apenas uma mulher “normal”. A passagem do bastão, como se costuma dizer no campo afro-brasileiro, se deu por meio de mensagens das entidades espirituais incorporadas no terreiro após a morte de sua mãe, que em vida não lhe prestou qualquer ensinamento. Trata-se de um estudo de caso analisado a partir das contribuições da teoria de gênero de Judith Butler em diálogo com a psicanálise. A colaboradora foi entrevistada ao longo de três anos, desde a morte de sua mãe, dando origem a um material de oito horas de entrevistas analisadas qualitativamente. Verificou-se que a herança do cargo de mãe-de-santo fez com que V. necessitasse reestruturar a sua vida, bem como a maneira como se pensa “mulher”, um percurso que ocorreu em articulação direta com as suas entidades espirituais. É notável um processo gradual de construção de identidade com destaque para a elaboração da sua feminilidade, que, a depender do momento, “migra” entre o ser “mãe” e o ser “mulher”, com episódios em que estes papéis colidem e entram em conflito. Judith Butler oferece terreno consistente para discutir este caso, principalmente ao considerar, em primeiro plano, a discussão das binaridades performatizadas pelos corpos femininos dicotomizados entre o ser ‘mãe’ e o ser ‘mulher’. Em diálogo com a autora, é interessante perceber como este estudo de caso apresenta tanto aspectos que repetem os tradicionais papéis sexuais, quanto os subverte, seja da parte da médium, seja de suas próprias entidades. O relato é tomado como ponto de partida para analisar como se processam identificações, projeções, espelhamentos e construções de vínculos afetivos entre a médium e as entidades espirituais com as quais interage. Assim, pretende-se contribuir para o amplo campo das teorias de gênero que se desenvolvem interdisciplinarmente, bem como para os estudos das religiosidades afro-brasileiras.

gênero, religiosidade afro-brasileira, umbanda

FAPESP

Pós-Doutorado - PD

RELIG - Psicologia da Religião

AFILIAÇÃO RELIGIOSA E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO CANDOMBLÉ DE NAÇÃO ANGOLA. Veridiana Silva Machado ** (*Laboratório de Etnopsicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP*); José Francisco Miguel Francisco Henriques Bairrão (*Laboratório de Etnopsicologia, Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP*)

A religiosidade afro-brasileira não tem sido muito estudada no campo da psicologia da religião. Ela pode contribuir expressivamente para a disciplina, nomeadamente em relação aos processos identitários. O Candomblé – ao dar um lugar ao sujeito na família de santo e pelo fato de as divindades elas próprias poderem se situar como participantes e integrantes dessa família em sentido lato, seja na posição de pai, de mãe, de filho ou de irmão – proporciona uma reconfiguração subjetiva ao ampliar as possibilidades combinatórias acerca do processo de constituição identitária do fiel. Subdividindo-se em nações, que originalmente remetem a diferentes regiões africanas, mas que hoje se abstraíram em modalidades de culto com algumas diferenciações entre si, o Candomblé não é único. O da nação Angola apresenta a originalidade de um culto específico a uma manifestação do divino identificada ao Tempo. Esse Nkisi, restrito aos fundamentos litúrgico-religiosos dos bantus, é considerado patrono desta nação. O objetivo deste estudo foi investigar, mediante um estudo de caso, a incidência desta divindade sobre os processos identitários na rede familiar de uma auxiliar do líder espiritual do terreiro Viva Deus, situado em Salvador, Bahia. A partir da perspectiva etnopsicológica, por meio da qual se acredita que os grupos étnicos produzem explícita ou implicitamente etnoteorias psicológicas, recorreu-se a procedimentos etnográficos como entrevistas semiestruturadas, observação participante e anotações em diário de campo. Makota Itana, uma auxiliar do pai de santo e iniciada no Candomblé há quarenta e seis anos, é uma figura reconhecida e respeitada pelos outros terreiros desta cidade. Filha de um casamento entre um branco e uma negra narra que no início de sua infância sua mãe decidiu abandonar o marido católico para poder se dedicar ao Candomblé, levando com ela seus seis filhos. Se nesta época não compreendia essa escolha materna, atualmente afirma que Tempo foi o responsável por essa transformação familiar. Uma vez mãe de santo, sua mãe casou-se novamente com um homem que, além de padraсто, também era seu pai de santo. Foi ele quem confirmou sua função de auxiliar religiosa do Nkisi Tempo de sua mãe de santo (e biológica). Embora filha de outra divindade, é a Tempo que recorre, reconhecendo-o como pai, filho, advogado e rei. Para ela, é a divindade mais presente na vida humana visto que toda ação é uma ação de Tempo e no tempo. Pôde-se perceber que o Nkisi Tempo fala e interage incisivamente no âmbito da vida social e familiar. Para Itana, Tempo é “alguém” capaz de proteger e preservar a família, em consonância com os valores do Candomblé, promovendo novas produções de sentido, de identidade e sendo razão para diversos fatos ocorridos que, segundo a mesma, transformaram a sua vida pessoal, como a de sua família. Concluiu-se que os processos identitários nesta família (que inclui a de santo) são atravessados pelos sentidos atribuídos a Tempo e que são organizados de uma maneira coerente com o sentido social e espiritual que o Candomblé Angola atribui à família, a qual reúne ancestrais e contemporâneos, homens e deuses, vivos e mortos.

etnopsicologia, psicologia e religião, candomblé

CAPES

Mestrado - M

RELIG - Psicologia da Religião

ESTRADAS SEM FIM: A LINHA DO ORIENTE E O POVO CIGANO NA UMBANDA.

*Lívia Alves dos Santos Macedo** (Laboratório de Etnopsicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP);
José Francisco Miguel Francisco Henriques Bairrão (Etnopsicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto-SP)

A umbanda transforma grupos sociais em símbolos religiosos carregados de significados psicológicos. As hipóteses tradicionais sobre a origem da umbanda supõem a preservação em seu culto de grupos subalternos da sociedade brasileira tais como indígenas e africanos escravizados, em geral entendidos como ancestrais da população contemporânea. Esse não é o caso do povo cigano; histórica e socialmente alheio à construção identitária do país. Conhecidos como um povo sem pátria, os ciganos são compostos de doze milhões de indivíduos dispersos pelo mundo e que ciosamente preservam a sua identidade e alteridade relativamente aos povos com os quais convivem. No Brasil, estima-se uma população de um milhão de pessoas, sendo sua primeira aparição histórica no século XVI junto com a corte portuguesa. Ainda assim, são invisíveis no plano político e social do país. Destacam-se apenas pelas roupas coloridas usadas pelas mulheres e pela representação artística, como sua música e danças disseminadas em muitos países ocidentais. No entanto, uma categoria espiritual conhecida como linha do Oriente e integrada basicamente por espíritos ciganos faz parte do corpus religioso umbandista. O objetivo da pesquisa foi caracterizar a representação dos ciganos no panteão umbandista. O método utilizado foi o etnográfico (pesquisa de campo em terreiro e consulta a entrevistas e registros audiovisuais de festas rituais de espíritos ciganos arquivadas no banco de dados do Laboratório de Etnopsicologia) e pesquisa bibliográfica referente à etnia cigana. Participaram do estudo espíritos ciganos e seus médiuns, por meio de registros etnográficos e entrevistas abertas. As entrevistas foram gravadas após o esclarecimento aos colaboradores sobre a pesquisa, mediante a apresentação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram analisados a partir da identificação dos pontos de convergência, isto é, dos elementos que se repetiram nas narrativas transcritas e no diário de campo. Estes dados foram comparados com o que a literatura refere relativamente a outras categorias de espíritos, buscando encontrar as especificidades da representação do cigano na umbanda. Com base neste levantamento, estabeleceram-se tópicos no intuito de identificar sentidos explícitos ou implicitamente associados regularmente a esse povo, que fornecessem pistas a respeito do papel da representação cigana neste imaginário. Dentre eles encontraram-se as sete linhas e a linha do oriente; autonomia e o pertencer ao grupo; relação de troca e a valorização de bens materiais; amor; liberdade; verdade; caminhos; cores vivas; festa; ouro; técnicas divinatórias; querer e mistério. Concluiu-se que a linha dos ciganos não acrescenta à umbanda sentidos inexistentes em outras categorias de espíritos. Ela reorienta significados já presentes no culto, numa perspectiva de futuro. Os espíritos ciganos interpelam os seus fiéis convidando-os a uma formulação clara do seu querer. Ao requerer que a pessoa se implique em suas próprias escolhas, o culto aos ciganos na umbanda contraria a posição subjetiva de vítima do destino. A relação com o porvir permite também certo devaneio, favorece o otimismo com o amanhã e alivia angústias e sofrimentos com o presente.

etnopsicologia, umbanda, ciganos

não houve apoio financeiro

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

RELIG - Psicologia da Religião